

Histórias EnCantadas: unindo turismo e educação em uma proposta de educação social¹

Maria Amália Oliveira

Professora do Departamento de Turismo e Patrimônio, do Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) e do Programa de Pós Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

Resumo

Este artigo tem como objetivo compartilhar os resultados de pesquisa inerentes aos temas Turismo e Educação. Neste sentido, apresenta o projeto de visitação Histórias EnCantadas que, elaborado em consonância com a perspectiva da Educação Social, buscou testar processos educativos mediados pelo deslocamento a locais de memória a fim de aferir a efetividade deste para educandos e educadores. A metodologia pautou-se em três etapas organizadas a partir de pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo para a elaboração do circuito e observação participante, técnica utilizada durante os encontros nas escolas e acompanhamento das visitas. Os resultados parciais atestam que educandos e educadores se beneficiam deste tipo de atividade e, assim, consideramos reunir elementos para futuras reflexões acerca das possibilidades de promoção da cidadania através de projetos voltados para a Educação Social.

Palavras-chave: Turismo; Educação; Educação Social.

Abstract

Enchanted stories: joining tourism and education in s proposal of social education

This article aims to share the research results inherent to the themes Tourism and Education. In this sense, it presents the *EnCantadas* Stories visitation project, elaborated in consonance with the perspective of Social Education, to test educational processes mediated by the displacement to places of memory in order to assess the effectiveness of this for students and educators. The methodology was based on three stages organized from bibliographical researches, field research for the elaboration of the circuit and participant observation, technique used during the meetings in the schools and follow-up of the visits. The partial results attest that educators and educators benefit from this type of activity and, therefore, we consider to gather elements for future reflections about the possibilities of promoting citizenship through projects focused on Social Education.

Keywords: Tourism; Education; Social Education.

¹ Registra-se que a pesquisa que serviu de base ao presente artigo foi orientada pelos trâmites inerentes aos procedimentos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Desta forma, houve o registro da pesquisa na Plataforma Brasil no ano de 2015; foram aplicados e explicados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que estão em posse da coordenadora geral do projeto e no caso dos participantes na faixa etária entre 15 e 17 anos, seus pais tomaram ciência e declararam permissão para participação nas atividades constantes na proposta. Da mesma forma, o ingresso nas escolas obedeceu aos mesmos trâmites sendo autorizadas pelas Senhoras Diretoras das escolas participantes. Em cumprimento a tradição antropológica, os nomes das escolas foram omitidos, assim como dos professores.

Resumen

Historias EnCantadas: uniendo turismo y educación en una propuesta de educación social

Este artículo tiene como objetivo compartir los resultados de investigación inherentes a los temas Turismo y Educación. En este sentido, presenta el proyecto de visitación Historias EnCantadas que elaborado en consonancia con la perspectiva de la Educación Social, buscó probar procesos educativos mediados por el desplazamiento a lugares de memoria a fin de medir la efectividad de éste para educandos y educadores. La metodología se basó en tres etapas organizadas a partir de investigaciones bibliográficas, investigación de campo para la elaboración del circuito y observación participante, técnica utilizada durante los encuentros en las escuelas y seguimiento de las visitas. Los resultados parciales atestiguan que educandos y educadores se benefician de este tipo de actividad y así, consideramos reunir elementos para futuras reflexiones acerca de las posibilidades de promoción de la ciudadanía a través de proyectos dirigidos a la Educación Social.

Palabras clave: Turismo; La educación; Educación Social.

Introdução

Ao longo da Antiguidade e da Idade Média encontramos diferentes modos de viajar, assim como distintos significados para as viagens empreendidas. O denominado *Grand Tour* é um bom exemplo dessa afirmativa. Surgiu no século XVII como importante corrente de deslocamento entre os países europeus, realizado por pessoas que visitavam os centros culturais e as grandes cidades. Os jovens ingleses eram os principais praticantes, com objetivo de aprendizado e enriquecimento cultural.

Atualmente, os fundamentos da prática denominada anteriormente como *Grand Tour* servem de base para um segmento da atividade turística, conhecido como Turismo Pedagógico e se constitui em viagens ou passeios com teor educativo. Entretanto, o Turismo Pedagógico foi apropriado pelo mercado distanciando-se da essência da prática pedagógica crítica, conceito esse entendido tal como coloca Gadotti (2012):

A pedagogia, como teoria da educação, traduz essa riqueza de práticas educacionais. As pedagogias que se dizem puramente científicas, sob sua pseudoneutralidade, escondem a defesa de interesses hegemônicos da sociedade e concepções de educação, muitas vezes, autoritárias e domesticadoras. Ao contrário, as pedagogias críticas têm todo interesse em declarar seus princípios e valores, não escondendo a politicidade da educação. É o que acontece com a educação popular, a educação social e a educação comunitária. Elas se situam no mesmo campo de significação pedagógica, o campo democrático e popular. Contudo, apesar desta afinidade ideológica, como são educações históricas, elas também podem ter conotações diferentes... (p. 10).

Buscando o enfrentamento de uma prática que se distanciou da pedagogia crítica, pois é exercida por agentes externos ao contexto da educação e pautada

em interesses capitalistas, mas que é percebida como relevante, tendo em vista que a própria história da Pedagogia nos informa sobre várias iniciativas nas quais os deslocamentos, os passeios e a “observação *in loco*” eram as metodologias utilizadas para a integração da teoria a realidade, como é o caso do pedagogo francês Célestin Freinet, que nos anos de 1920 passou a promover as chamadas “aulas das coisas”; consideramos o investimento reflexivo em tal metodologia em âmbito de um projeto de pesquisa. A metodologia utilizada por Freinet foi tratada como uma importante ferramenta no desenvolvimento cultural de adultos, jovens e crianças, pois, ao favorecer a ampliação das formas de pensar do indivíduo, prepara-o para lidar com diversas situações ao longo da vida, contribuindo igualmente para o desenvolvimento pessoal e social dos educandos. Neste sentido, agregamos à reflexão a perspectiva da Educação Social que se caracteriza por propiciar a formação de sujeitos cidadãos com capacidade de transformar a realidade, estabelecer uma relação concreta entre conhecimento e prática, com vistas ao estabelecimento de mudanças em âmbitos locais e globais.

Assim sendo, concebendo o processo educativo como prática transformadora, foi proposto no âmbito do curso de graduação de licenciatura em Turismo o projeto de pesquisa intitulado “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação”, que objetivou a ressignificação da prática do Turismo Pedagógico através da criação de uma metodologia que envolvesse a contribuição teórica de Freinet aliada à perspectiva da Educação Social.

A graduação em licenciatura em Turismo é um curso relativamente recente e pioneiro ao formar discentes voltados para a Licenciatura e não para o Bacharelado como é a tradição de quase 50 anos nesse campo de estudos e de formação para o mercado de trabalho em Turismo. Diferentemente dos bacharelados em Turismo, nos quais a graduação pode ser encontrada tanto em universidades públicas, quanto privadas, o curso de licenciatura em Turismo só existe em universidade pública. Reside aí uma particularidade que impõe um compromisso de outra natureza com o tipo de formação a ser transmitida aos futuros egressos. Devido à ocorrência em um espaço formal orientado por valores que preveem a formação crítica, voltada para os interesses do coletivo e de caráter teórico-prático reflexivo, o referido curso foi o escolhido para servir de base para a proposta do projeto de pesquisa anteriormente mencionado.

Entendendo que a Educação Social é uma perspectiva que se preocupa com o educando e com o educador, o referido projeto de pesquisa, tomando por base dados apresentados em uma monografia, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Turismo que evidenciou as dificuldades do egresso em aliar as ferramentas e/ou conhecimentos oriundos do arcabouço teórico do Turismo às práticas pedagógicas, incluiu como um de seus objetivos específicos orientar a práxis dos discentes do curso pela perspectiva da Educação Social. Assim sendo, a criação de uma metodologia, isto é, um conjunto de ações coordenadas voltadas para o estabelecimento de um processo pedagógico específico foi o objetivo geral do projeto de pesquisa “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação”. Neste projeto, o deslocamento e a vivência *in loco*, componentes básicos para a realização da atividade turística, são interpretados como ferramentas educativas de cunho crítico e, neste projeto de pesquisa, a metodologia voltada para o favorecimento de condições específicas para um tipo de aprendizado foi denominada “Metodologia dos Circuitos Educativos” e dirigida a crianças, jovens e adultos vinculados ao processo de educação formal e também, ao público em geral.

Isto posto, o objetivo do presente trabalho é descrever o processo de elaboração e aplicação do Circuito Histórias EnCantadas, um dos circuitos criados no âmbito do projeto Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação, nos moldes da Metodologia dos Circuitos Educativos, apresentando seus resultados e considerações parciais. Antes de avançarmos, faz-se necessário esclarecer que a Metodologia dos Circuitos Educativos se particulariza justamente por prever circuitos em que as visitas tenham seus conteúdos trabalhados a partir de elementos que dialoguem com a identidade do local visitado, buscando, assim, uma ressonância entre o que é visto e o que se pretende evidenciar. Desta forma, música, expressões corporais de diversos matizes, imagens sobrepostas, tecnologias diversas, jogos foram incorporados aos circuitos que compõem a metodologia.

O Circuito Histórias EnCantadas, objeto deste trabalho, compreende um roteiro de cunho pedagógico musicado pela área da Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Durante o percurso destaca-se o patrimônio material ali existente contextualizando-o com as memórias oficiais e subalternas que constroem social e culturalmente o local. Como mencionado, o circuito particulariza-se por ser permeado pela música, sendo o samba o gênero escolhido por ser considerado como um traço

cultural que integra a identidade carioca e guarda estreita relação com a memória da Zona Portuária carioca.

O trabalho está estruturado em três sessões: Turismo e Educação no contexto de uma reflexão voltada para a Educação Social, na qual se apresenta o referencial teórico que orientou a construção do Circuito Histórias EnCantadas; a segunda sessão contextualiza a Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro, espaço social do integrante do circuito, e enfatiza o papel do samba enquanto elemento de resistência e fortalecimento de laços de pertencimento; e, por fim, a sessão referente ao relato da inserção em campo, à metodologia utilizada e à realização das visitas. Metodologicamente, a pesquisa pautou-se em três etapas organizadas a partir de pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo para a elaboração do circuito e observação participante, técnica utilizada durante os encontros nas escolas e anteriores a visita, como no acompanhamento da visita.

Turismo e Educação no contexto de uma reflexão voltada para a Educação Social

Sampaio (2013) analisa a publicação *The sage handbook of tourism studies*, lançada em 2009 e que, segundo a autora, buscou constituir-se como uma “base de conhecimento sobre o estudo do turismo” (p. 168). A autora destaca que esta publicação se insere no atual interesse pelo estudo do Turismo. Sobre este ponto, vale ressaltar que o tema Turismo foi durante muito tempo invisibilizado no âmbito das Ciências Sociais; entretanto, as implicações e desdobramentos sociais e culturais inerentes ao fenômeno turístico o fez sair da marginalidade entre os temas de pesquisa e figura hoje como tema de inúmeras conferências e publicações especializadas, ancoradas nas mais diversas perspectivas.

Ainda de acordo com Sampaio (2013), o referido livro está dividido em três partes: *Approaches to tourism studies*, na qual estão expostas as principais abordagens oriundas de diferentes áreas disciplinares, tais como, antropologia, sociologia, estudos culturais, estudos de desenvolvimento, história, geografia, economia, ciência política, estudos urbanos, entre outras; *Key topics in tourism* descreve o estado da arte do campo do Turismo a partir de tópicos que abordam, entre outras temáticas, a relação do turismo com a religião, o turismo voluntário, turismo rural, gestão e *marketing* de destinos turísticos e segurança no turismo, por exemplo; *Critical issues*

and emerging perspectives discute as problemáticas derivadas de tendências emergentes, tais como turismo e pós-colonialismo, turismo e performance, turismo e ética, entre outras. O conteúdo dos artigos favorece a percepção de aspectos que podem ser registrados em forma de tendências deste pensamento e, assim, vislumbra-se as seguintes orientações: culturalista, transdisciplinar, sobrevalorização da perspectiva micro, ênfase na ótica do consumidor em detrimento da relação produção/trabalho e uma preocupação com a aplicabilidade das pesquisas de forma a subsidiar o setor empresarial turístico.

Das tendências de investigações contidas no *The sage handbook of tourism studies*, nas que compõem a parte denominada *Critical issues and emerging perspectives*, a orientação culturalista direcionou o presente trabalho, pois, conforme já propuseram Rojek e Urry (1997), o termo turismo na perspectiva de estudos culturais deixa de ser visto como fenômeno social claramente circunscrito e identificável e passaria a ser analisado como um conjunto complexo de discursos e práticas sociais.

Gadotti (2012) esclarece que a definição de educação não formal como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”, trazida por La Belle (1986, p. 13 apud Gadotti, 2012), revela a ambiguidade dessa modalidade de educação por se definir em oposição a outra modalidade de educação que seria a educação formal, como se essa fosse o único paradigma. Desta forma, Gadotti (2012) defende que:

a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática... Daí a educação não formal estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças... a educação não-formal designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados. Por isso ela também é muitas vezes associada à educação social, à educação popular e à educação comunitária. A educação não-formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como ‘educação ao longo de toda a vida’ (conceito difundido pela Unesco), englobando toda sorte de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver (p. 13).

Pelo exposto, educação popular, a educação social e a educação comunitária não podem ser reduzidas à educação não formal, embora as anteriormente citadas valorizem os espaços informais. A educação social abriga a educação popular, a educação comunitária, a educação cidadã e todas as “educações”, cuja ênfase recaia

sobre práticas que favorecem a formação de sujeitos com capacidade de transformar a realidade e de estabelecerem uma relação indissolúvel entre conhecimento e prática.

Objetivando uma educação emancipadora, a noção de cidadania para além do conhecimento e exercício de direitos e deveres não é suficiente para dar conta de tal empreendimento e assim, cidadania é compreendida como “atitude de intervenção no mundo por meio da reflexão crítica diante de situações políticas, sociais e culturais, implicando ações transformadoras, com tomadas de decisões conscientes e visando ao bem comum” (LIMA, 2013, p. 32).

Neste contexto, o Turismo esvaziado de suas noções relacionadas ao capital e concebido como uma prática social, quando associado à Educação Social, pareceu-nos, no âmbito das reflexões e discussões inerentes ao projeto de pesquisa “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação”, ser um potente instrumento de transformação social, pois, por meio do emprego de um dos mais caros pressupostos da atividade e do fenômeno turístico, ou seja, o deslocamento e o “estar lá”, tornaria possível uma maior percepção da realidade, resultando em uma ampliação na maneira de pensar e olhar o mundo.

Paralelamente à perspectiva adotada, o futuro egresso do curso de graduação de licenciatura em Turismo foi pensado como um educador social, somando-se as perguntas de Gadotti (2012): “como educar o educador social?” “onde ele se forma?”. Tais questões permearam toda a construção da Metodologia dos Circuitos Educativos e, na dialética do próprio processo, estavam as respostas, pois, como estava em jogo a produção de ações ancoradas na perspectiva da Educação Social que objetiva a emancipação pessoal pelo conhecimento/aprendizagem para, em consequência, estender a mudança no coletivo, a formação dos educadores deve garantir a clareza de seu papel político como agentes que se dirigem à realidade social enquanto proponentes das transformações e não continuadores dela. Esta perspectiva rompe violentamente com a corrente teórica que entende e defende o Turismo como produto “do” e “para” o capital e reinsere este fenômeno na lógica do *Grand Tour* valendo-se de suas possibilidades em agregar valores e sentidos distintos dos pessoais. Turismo e Educação são então reunidos em uma proposta de vivências significativas em linguagem pedagógica que busca envolver o ser humano por inteiro.

A Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro

Entre memórias e conflitos

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro configurava-se como um centro comercial de escoamento da produção de açúcar e café através de seu porto. Na condição de sede do governo federal e embalado pela ambiência de mudanças resultantes da Proclamação da República, a cidade foi alvo de um processo de modernização. As administrações de Rodrigues Alves e de Pereira Passos realizam, em curto espaço de tempo, um conjunto de obras cuja execução caracteriza-se por profundas alterações na antiga paisagem colonial escravista da cidade. O ponto central das reformas incidiu sobre o Centro da cidade e a Zona Portuária, local de residência da maioria dos escravizados e seus descendentes. Nestas intervenções é possível observar o desenvolvimento do processo de segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro e que, segundo Santos (2014,) representa as mais significativas mudanças no processo de diferenciação das classes sociais.

Esse conjunto de intervenções urbanísticas foi decisivo na construção simbólica dos espaços de pertencimento e representações sociais sobre a região portuária carioca, pois o “bota abaixo”, como ficou conhecido esse processo de “modernização” urbana da Cidade, ao promover a expulsão da população mais pobre do centro da cidade através da demolição em massa de prédios e casas de cômodos, sustentados pelo discurso da higienização, definiu claramente tais espaços. Ao não promover o realojamento dos antigos moradores, estes passaram a habitar os morros abrigados em barracos improvisados, legando à Zona Portuária a condição de abandono e exclusão, favorecendo o apagamento de uma memória que se remete ao período do Brasil Colônia e Império, quando a região tinha sua vida social construída a partir dos desdobramentos econômicos, políticos e sociais inerentes ao Porto que abrigava o atualmente reconhecido e referenciado Cais do Valongo.

O Cais do Valongo foi no período em que vigorou o regime escravagista no Brasil, o principal ponto de desembarque de africanos escravizados no país e nas Américas. Em 2016, o local já reconhecido como patrimônio carioca e nacional, foi efetivamente visibilizado devido as obras de revitalização da região do atual “Porto Maravilha” quando em decorrência do achado de vestígios materiais ligados à herança africana o local foi inserido no Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana. Recentemente, no ano de 2017 foi inscrito na lista de patrimônios mundial da humanidade, representando conforme discursos do

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro “o reconhecimento do seu valor universal excepcional, como memória da violência contra a humanidade representada pela escravidão...” (Página virtual do IPHAN²).

O caso do Cais do Valongo foi, então, o inspirador do Circuito Histórias EnCantadas, que se materializa em um circuito de visitação de cunho pedagógico voltado para dar conta das reflexões contidas no âmbito do projeto de pesquisa “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação”. A proposta do Histórias EnCantadas baseia-se fundamentalmente na perspectiva da educação não formal e envolve tanto a educação social, quanto a comunitária, pois se coloca no atendimento de crianças, jovens e adultos vinculados ao processo de educação formal, quanto da comunidade local, objetivando a evidenciação de uma memória inserida em um campo de disputas permeado por distintos processos de produção e articulação das lembranças e esquecimentos dos diferentes sujeitos sociais, articulando-a a questões que perpassam os debates sobre diásporas, sentidos atribuídos à religiões, revitalização e disputas de espaços, reinvenções de tradições, planejamento urbano, memórias traumáticas, patrimonialização, relações entre os contextos local e global.

De espaço social degradado, associado a violência, a pobreza e local de residência de um grande contingente de descendentes de escravizados, a Região do Porto é agora o Porto Maravilha, inserido na lógica da gentrificação e voltado para a atividade turística. Tal ressignificação, quando observada pelo referencial teórico que permeia o projeto de pesquisa “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação”, no qual o Turismo é percebido para além de seu caráter mercadológico, inscrevendo-se sobretudo em enquanto prática social, pareceu-nos um excelente local para efetivar-se a proposta de junção com a educação social e assim, buscou-se um elemento que caracterizasse a memória local no intuito de que este fosse o elemento de relação entre a memória local e os dias atuais. Tal elemento é o samba.

O samba no processo de resistência

A retomada de investigações sobre o samba no Rio de Janeiro é indissociável da revisão do contexto histórico carioca no período posterior a Proclama-

² Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cais do Valongo*. Brasília, DF, 2016.

ção da República, ou seja, no início do século XX. Tal questão está intimamente relacionada ao grupo social em que o samba surge e se estabelece, assim como às questões sociais que este ritmo musical acaba por responder. As diversas modificações promovidas na estrutura urbana da cidade no referido período atingiram diretamente a população dos descendentes de escravizados, pois era esta que não se encaixava nos padrões de “modernidade” e “civilização” concebidos para então. Assim, não por acaso a Zona Portuária, local de maior concentração da população negra e pobre, foi a mais afetada pela reforma; não em termos de remodelação, mas de destruição de suas moradias e referências sociais e culturais. Neste contexto é possível destacar práticas que remetem a estratégias de resistência desta população diante do quadro de mudanças sociais impostas, tais como o fortalecimento de arranjos habitacionais como as moradias coletivas (cortiços) e a reconfiguração de manifestações culturais a partir da experiência da escravidão. Em meio a essas manifestações estava o jongo.

Também conhecido como “Caxambu”, o jongo é uma expressão da cultura africana praticada desde a chegada dos grandes contingentes de escravizados ao Brasil que se traduz na forma da dança e do canto que ocorriam em dias de comemoração aos santos católicos com anuência dos senhores. Tal prática favoreceu o fortalecimento de laços culturais entre os escravizados, assim como a reafirmação de valores. Com o passar do tempo, os praticantes deste ritual que também tem um caráter religioso foram trocando o sentido de diversas palavras, criando um vocabulário próprio, sendo capazes de estabelecer um diálogo criptografado, que era entendido somente por quem tivesse conhecimento nas rodas de jongo. Os escravizados utilizavam desse vocabulário para se comunicar entre si (SILVA, 2006).

O jongo era o ritmo mais tocado no alto dos morros, espaços sociais atualmente identificados e denominados de “favelas”, pelos fundadores da grande maioria das escolas de samba hoje existentes. Nesta época, o que se convencionou sob a denominação “samba” ainda não era popularizado e o ritmo do jongo difundindo nas “favelas” fornece as bases do que hoje é o “samba”. Enquanto manifestação cultural urbana tornou-se importante representação da cidade do Rio de Janeiro, constituindo-se em um traço da identidade cultural carioca associado enquanto gênero musical a prática cultural dos negros escravizados que compunham a camada marginalizada da população carioca. Trotta (2011) afirma que o samba “acompanha uma trajetória

de afirmação social das populações descendentes de escravos e sua luta por melhores condições de vida” (p. 75).

Oliveira (2016) destaca que as identidades culturais se definem na busca da afirmação de uma diferença e de uma semelhança, sendo sua construção resultante da identificação daqueles que apresentam traços culturais em comum e que, por isso mesmo, manifestam sentimento de solidariedade grupal. Tais traços não dizem respeito ao espaço físico ocupado pelo grupo, e sim ao sentimento de pertencimento resultante de um processo de identificação a determinados valores, símbolos e práticas. Deste conjunto, que é a própria cultura do grupo, são eleitos bens que constituem seu o patrimônio.

O debate sobre preservação do patrimônio envolve diversas vertentes, pois a patrimonialização, ao seja, o processo que confere ao bem uma legitimação social daquilo que o grupo cultural já percebe como relevante para si, é permeado pela atribuição de novos valores, sentidos, usos e significados aos bens materiais e imateriais. Neste processo de atribuição de valores, em uma lógica capitalista, o valor econômico é um dos que são acoplados ao patrimônio. Acionado enquanto mercadoria, o patrimônio cultural é inserido numa cadeia de produção voltada para a satisfação do consumo contemporâneo. Nesta perspectiva, o patrimônio é convertido em destinos turísticos, nos quais a massificação não considera os grupos sociais cujos valores produziram e distinguiram determinado bem como representativo de sua identidade, memória e trajetória.

A despeito das possibilidades de preservação que a comercialização econômica dos bens patrimonializados produzem, há de se considerar os efeitos em termos da espetacularização e descolamento dos significados atribuídos pelo grupo ao patrimônio que favorecem o apagamento de processos de lutas, conflitos e negociações que o patrimônio afirma e legitima sobre o grupo que representa. Na contradição entre o discurso uso econômico do patrimônio como forma de preservação do mesmo e o do afastamento dos valores do grupo em decorrência da massificação que o uso econômico acarreta, a Educação Social, ao se caracterizar por propiciar a formação de sujeitos cidadãos capazes de transformar a realidade, desponta como uma potencialidade no que tange a projetos voltados para a construção de mudanças no âmbito da educação formal.

Pelo exposto, diante do significado cultural do samba, no contexto escolhido para basear o circuito, este foi o elemento eleito para atuar como elo mediador entre turismo e educação no circuito Histórias EnCantadas. Desta forma, utilizando os atrativos construídos por ocasião da implementação do Projeto Porto Maravilha, desenvolveu-se o referido circuito de visitação onde estes novos ícones são contextualizados à memória local, tendo o samba como fio condutor de uma narrativa identitária naquele espaço social.

Cabe registrar que a utilização da música e em especial do referido ritmo foi sugestão de uma das discentes do curso de graduação em licenciatura em Turismo, integrante do projeto de pesquisa já mencionado e que encarregada de produzir um dos circuitos que compõem a Metodologia dos Circuitos Educativos trouxe a proposta para debate. A discente foi ainda a responsável por proceder a condução dos grupos de educandos³.

O percurso de visitação e os sambas do Histórias EnCantadas

O circuito, conforme exposto na Figura, estende-se por lugares patrimonializados que configuram a materialização de memórias no sentido atribuído por Halbwachs (1990) ao termo. Os sambas que são entoados nestes locais evocam os temas escravidão, expulsão da população pobre para bairros distantes, as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro, o cotidiano e práticas sociais daquele grupo cultural.

Construindo as visitas

Tendo sido construída a proposta de circuito, o passo seguinte foi a definição do público-alvo. Considerando que o projeto de pesquisa “Educação em espaços não formais: diálogos entre Turismo e Educação” insere-se na perspectiva da educação social, optou-se por aplicar este roteiro tanto com alunos de ensino médio, quanto com o público em geral. Diante dessa opção, para efeitos de descrição dos desdobramentos com estes dois segmentos, o texto será a partir de agora dividido entre apresentação da aplicação do circuito Histórias EnCantadas com os alunos de duas escolas públicas e posteriormente com o público em geral.

³ O trabalho da discente referida resultou em sua monografia apresentada na condição de Trabalho de Conclusão de Curso (ROSÁRIO, 2016).

Figura. Mapa ilustrativo de parte da Zona Portuária, com o trajeto do percurso.



Fonte: Rosário, 2016.

Alunos da escola pública

A inserção nas escolas

Entendendo que o ensino público carece de ações extraescolares e que abriga uma parcela da população desprovida de acesso a determinados equipamentos culturais e iniciativas de lazer, decidiu-se pela execução do roteiro já mencionado com alunos do ensino médio deste segmento. Desta forma, utilizando-se de relações de conhecimento dos responsáveis pela pesquisa em andamento em duas escolas públicas, sendo elas uma Escola Técnica Estadual situado no bairro Jardim América, na Zona Norte, bairro cuja população é em grande maioria pertencente a classe média baixa e do Programa de Ensino para Jovens e Adultos (PEJA), de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) localizado no bairro Catete, Zona Sul do Rio, foram ajustados os procedimentos inerentes a visita. Vale ressaltar que em se tratando de pesquisa

científica, os responsáveis pela mesma seguiram todos os padrões de conduta ética em pesquisa, tendo se valido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para respaldar os pesquisados.

A parte inicial deste momento de aproximação entre pesquisadores e o universo de pesquisa contou com reunião de apresentação do roteiro Histórias EnCantadas, no local no ambiente escolar e aplicação de questionários. Tal etapa da pesquisa possibilitou observar a reação e as expectativas dos envolvidos na participação do evento, anotadas em diário. O questionário aplicado buscava através das perguntas elencadas já apresentar a Zona Portuária e o Samba como patrimônios de distintas naturezas, ou seja, material e imaterial; além das demais perguntas voltadas para identificação do alunado. Ao todo, o questionário foi composto por 10 perguntas.

Foram envolvidos 48 estudantes das duas unidades escolares da rede pública, sendo 30 estudantes da Escola Técnica Estadual do bairro de Jardim América e 18 do Programa de Ensino para Jovens e Adultos (PEJA). Para que o processo de aproximação entre pesquisadores e pesquisados fosse mais produtivo, foram realizados quatro encontros de apresentações.

Na Unidade Escolar

Na Escola Técnica Estadual do bairro de Jardim América, a inserção se deu no âmbito das comemorações de aniversário da Escola, no mês de setembro de 2015. As comemorações se estenderam por quase uma semana sendo composta por várias atividades e neste contexto, as apresentações do projeto Histórias EnCantadas ocorreram em dias distintos dessa semana. Nos encontros foram realizadas dinâmicas com caixa de fósforos e chocalhos para produção de um tipo de som que se aproximaria do apresentado durante o percurso de visita. Os presentes foram participativos, muitos não conheciam as músicas, mas gostavam de samba, em um ambiente onde predominam os *hits* de Rihanna, Beyoncé e *funks*. Ao término, os questionários eram distribuídos. Neste universo, a idade predominante situou-se entre 15 e 17 anos; do sexo feminino e moradores em bairros mais distantes e no mesmo bairro.

No ambiente escolar do PEJA do bairro Catete, a apresentação ocorreu em outubro de 2015 e contou cerca de 30 pessoas em sala de aula. Com estes, a coleta contou com o auxílio da professora, pois os alunos ainda estavam na fase de alfabeti-

zação. Destaca-se neste encontro de aproximação entre pesquisadores e pesquisados, a emoção de felicidade registrada pelos pesquisadores ao perceberem os esforços realizados por muitos alunos no intuito de compreenderem as letras e codificarem o que constava no questionário e nos poucos slides de apresentação que detinham letras entre a predominância de imagens que compôs a apresentação, justamente para mitigar tal impeditivo. Diferentemente da escola do bairro de Jardim América, os sambas foram apresentados a partir de gravações em *pen drives* e ao ouvi-las, os alunos cantavam junto. Na ocasião, 12 responderam ao questionário e dentre esses, as idades variaram entre 18 a 60 anos. A maioria residia em bairros distantes à escola e uma, em outro município. A distância do local de residência da escola é explicada pelo fato de muitos trabalharem no bairro em bairros próximos a escola e então aproveitam para ali realizarem seus estudos.

No Percurso

Um total de 21 acompanhados pela professora de Educação Ambiental compareceram para a visita. A atividade foi incluída no conjunto de comemorações do aniversário da Escola, sendo realizada na parte da manhã do dia 29 de setembro de 2015. Embora dispersos em alguns momentos, os participantes demonstraram envolvimento com a visita ao estabelecerem conexões entre o lugar e o samba interpretado, ora sonoro ora proferido em versos. No trajeto, havia um posto provisório de apoio aos visitantes às obras do projeto Porto Maravilha, com a exposição *Meu Porto Maravilha*, junto ao Cais do Valongo. Além de prestar apoio, este espaço favoreceu a conjugação da visita à exposição interativa, pois os recursos tecnológicos de cunho interativo são amplamente disseminados na faixa etária desta geração. A maior parte das músicas refere-se a um repertório pouco ouvido e conhecido por esta faixa etária; entretanto, este distanciamento serviu como retenção da atenção dispensada por eles ao valor histórico-cultural dos bens e a memória local, pois o que os conectava era a possibilidade de estabelecer relação entre o que estavam vendo e o que estavam ouvindo que não lhes era familiar.

Quanto aos estudantes do PEJA, o percurso foi realizado no dia 24 de outubro, um sábado à tarde, horário solicitado pelos próprios devido as suas disponibilidades de tempo liberado após o expediente de trabalho. Compareceram seis estudantes e não foi necessária a presença de docentes. Este grupo de alunos apresentou sinais de cansaço, sendo este atribuído à exaustão da semana e ao término da jornada do dia; contudo o

interesse na atividade foi mantido. Alguns alunos, de origem nordestina, expuseram suas lembranças de alguns pontos visitados.

Público em geral

Programada para o mês de novembro, a preparação para as visitas com o “público em geral” ocorreu por meio de chamadas em redes sociais e amigos da condutora do circuito, a mesma que realizou a condução das visitas com os alunos das duas escolas públicas. Os participantes foram alocados em três grupos, totalizando 30 pessoas, distribuídos entre os dias 6, 17 e 21 de novembro de 2015. Deste quantitativo, a incidência de pessoas concentrava-se na faixa etária entre 30 a 60 anos, o grupo era majoritariamente feminino e a escolaridade variava entre o ensino fundamental até o superior. Destaca-se que entre os participantes esteve presente um estrangeiro. Nestas visitas todos declararam que a música colabora para compreensão da apresentação, assim como para estabelecimento de relações com os fatos e ocorrências do presente.

Na véspera do dia visita de 6 de novembro choveu bastante na cidade do Rio de Janeiro e ela ocorreu somente com quatro participantes. Já a visita do dia 17 de novembro contou com maior número de participantes, no total de 16 pessoas e a do dia 21 de novembro contou com oito participantes. Todas as visitas foram precedidas por um momento de explicação do projeto de pesquisa a que a visita estava subordinada, da apresentação e assinatura do TCLE e dos objetivos propostos. O comum aos três grupos de participantes foi a postura inicial que se assemelhava aos que realizam um passeio turístico tradicional; entretanto, o convite para atenção as letras de cada samba entoado foi aos poucos modificando esse padrão de comportamento, pois as letras que denunciavam as más condições de vida dos habitantes de outrora quando percebidos em diálogo com aquele território, evocou a memória de lutas que os compositores destacavam nas entrelinhas dos sambas.

Comparação entre o grupo dos estudantes e do público em geral

A despeito dos sambas escolhidos para compor o repertório da visita não ser familiar aos alunos da Escola Técnica do bairro de Jardim América, devido à faixa etária em que se encontram; enquanto elemento externo funcionou como forma de atração de atenção. Por não estar presente em seus cotidianos de forma explícita, e sim na cultura do samba que é extremamente presente na cidade do Rio de Janeiro, promoveu o elo de despertamento para questões que se pretendeu levantar e apresentar.

No caso destes alunos, as letras dos sambas e a apresentação dos locais patrimonializados evocaram uma reafirmação da associação do samba à cultura negra, tal como já associam ao funk, cujo ritmo é por eles muito apreciado. Como as letras dos sambas foram apresentadas a partir da perspectiva da crítica, da denúncia e de relatos musicados da vida social de um grupo excluído. Tal fato facultou o estabelecimento de relação com o funk que percebem como algo marginalizado. Há de se registrar que a relação estabelecida por eles não incidiu sobre a questão racial, mas sim sobre o lugar onde a música é produzida.

No caso dos alunos do PEJA do CIEP do bairro do Catete, estando estes integrados ao Projeto de Educação para Jovens e Adultos, o processo apreensão de tais valores foi ainda mais facilitado na proposta do projeto História EnCantadas, pois a faixa etária dos seus integrantes permitiu o conhecimento de boa parte das músicas, sendo necessário apenas trabalhar os valores que se buscou evidenciar. Como boa parte destes alunos são residentes de bairros distantes do local visitado, bairros estes que abrigam moradores descendentes de pessoas removidas da Zona Portuária por ocasião dos processos de reformas urbanísticas, muitos se identificaram com os distintos patrimônios materiais ali existentes, assim como com as memórias do local.

Por outro lado, o grupo do “público em geral”, demandou um esforço maior de afastamento de uma postura pautada no divertimento que consideramos poder ser explicada pela natureza da atividade ter sido encarada pelo viés turístico, como revela a fala de duas integrantes da atividade: “Eu sabia que o passeio ia ser bom, mas não pensei que fosse tanto... foi um excelente passeio que alegrou minha alma e meu coração!” (A. C.) e “Muito proveitoso, um mergulho na história da nossa cidade. Um pouco longo, mas a paradinha na sala de base da prefeitura foi providencial... e terminei numa ótima confraternização com um bom almoço” (M.C.S). Tal postura não invalida a aplicação do método em grupos semelhantes, entretanto, evidencia-se a necessidade de um trabalho prévio de sensibilização para a que os objetivos voltados a percepção do patrimônio para além de um bem de entretenimento, sejam mais facilmente alcançados.

No circuito Histórias EnCantadas, o samba enquanto elemento representativo de uma cultura foi o mote da apresentação de um conjunto patrimonial que tem se destacado como atração turística. Para além deste uso, o patrimônio em questão possui relevante função social, sobretudo por deter potencialidades educativas que

permitem amplas conexões com discussões que se inserem no âmbito da cidadania. Nesta perspectiva, a Educação Social está sendo concebida como mediadora entre o universo do turismo e o da educação, propiciando não somente equilíbrio entre a rentabilidade econômica e a rentabilidade social do bem, mas, conforme afirma Gadotti (2012), “[...] englobando toda sorte de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver”.

Considerações finais

No caso aqui demonstrado, através da elaboração de um roteiro de visitação a uma região da cidade do Rio de Janeiro, cuja história evidencia processos de exclusão a que uma determinada parcela da população foi relegada por questões raciais, buscou-se testar as possibilidades de transmissão de valores relacionados à proposta da Educação Social. Construído no âmbito de um projeto de pesquisa sobre Turismo e Educação, o roteiro de Histórias EnCantadas voltou-se para duas dimensões, sendo elas: a do educando e a do educador. Assim sendo, na dimensão do educando, dois grupos distintos foram selecionados para participarem da pesquisa: alunos de escola pública pertencentes a diferentes faixas etárias e ao público em geral. Na dimensão do educador, buscou-se pensar o papel dos Licenciados em Turismo.

A pesquisa demonstrou que deslocamento, base da atividade turística, é um potencializador de processos de aprendizagem. Para além das “visitas ao meio”, a introdução de elementos que mantenham forte relação com a identidade cultural dos grupos para os quais a atividade de visitação é dirigida agrega valor positivo ao processo. Desta forma, podemos afirmar que os educandos, quer estejam integrados a escolas na condição de alunos destas, quer sejam pessoas não vinculadas ao processo formal de ensino, se beneficiam deste tipo de atividade, pois os objetivos são alcançados. Já os educadores e, neste caso, nos detendo ao universo estudado que é o dos licenciandos em Turismo, quando formados nesta linha pedagógica, isto é, da educação social, conseguem produzir ações que fazem a diferença, tal como a introdução do samba no circuito em tela. Por conseguinte, educar para outros mundos possíveis no intuito de superar a lógica desumanizadora do capital, desalienando e conscientizando acerca de valores que se opõe aos interesses hegemônicos; enfim, são educadores sociais.

Com base nestes resultados, consideramos poder afirmar que atividades que envolvem o deslocamento de educandos para visitação *in loco*   uma das possibilidades eficazes de educa o que considera que a vida pessoal adquire valor e plenitude quando pensadas a partir do coletivo, das questões que permeiam e impactam a vida de todos e, por fim, não concebe a escola como único espaço educativo, bases da educa o social.

Referências

GADOTTI, M. Educa o popular, educa o social, educa o comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 10-32, dez. 2012.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, SP: V rtice, 1990.

LIMA, D. S. *A forma o cidadã: uma análise das contribui es da educa o matemática em uma prática colaborativa*. 2013. Disserta o (Mestrado em Educa o) — Faculdade de Educa o, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

OLIVEIRA, M. A. Turismo e patrimônio: elabora es simbólicas e memoriais no parque arqueológico e ambiental de São João Marcos (RJ). In: VIANNA, A. A.; GUARDIA, M. S.; BATISTA, S. G. (Orgs.). *Turismo em perspectiva: ensaios multidisciplinares*. Curitiba, PR: Prismas, 2016. p. 118-46

ROJEK, C.; URRY, J. *Touring cultures: transformations of travel and theory*. London: Routledge, 1997

ROSÁRIO, J. S. S. *Patrimônio cultural imaterial: uma abordagem turística na Zona Portuária do Rio de Janeiro*. 2016. Pagina o. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2016.

SAMPAIO, S. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investiga o em Antropologia*, Lisboa, v. 17, n. 1, p. 167-82, fev. 2013. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2615>

SANTOS L. S. A “desruraliza o” do Rio de Janeiro ao tempo de Pereira Passos. *Revista Convergência Crítica*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-102, jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.22409/convergencycritica2014.v3i1.a22094>

SILVA, A. *Relatos sobre o jongo: reflexões e episódios de um pesquisador negro*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006

TROTТА, F. *O samba e suas fronteiras: pagode romântico e samba de raiz nos anos 1990*. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Submetido em: 15-10-2018

Aceito em: 24-04-2019